**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**
**SETOR CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PRISCILA APARECIDA DIAS**

# VOZES DO ESPORTE ESCOLAR: RELATOS DE UMA ATLETA E UM JORNALISTA SOBRE A TRAJETÓRIA FEMININA EM PONTA GROSSA (PR)

**Ponta Grossa**
**2026**

**PRISCILA APARECIDA DIAS**

# VOZES DO ESPORTE ESCOLAR: RELATOS DE UMA ATLETA E UM JORNALISTA SOBRE A TRAJETÓRIA FEMININA EM PONTA GROSSA (PR)

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de Licenciado em Educação Física na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Jorge Guimarães.

**PONTA GROSSA**
**2026**

**RESUMO:**

O estudo investigou, por meio de relatos orais, as memórias esportivas de uma mulher que atuou como atleta escolar e a perspectiva de um jornalista local, compreendendo suas trajetórias e a representação midiática do esporte feminino na cidade de Ponta Grossa (PR) entre as décadas de 1970 e 1980. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter histórico, com delineamento de estudo de caso, no qual entrevistas gravadas foram relacionadas com registros do Jornal Diário dos Campos. A interpretação dos relatos teve apoio nas categorias de gênero e em três analíticas: memória esportiva feminina invisibilizada; identidade e representatividade; e esporte como campo de disputa de gênero. Os resultados mostram convergência entre os dois relatos quanto a importância do Jogos Estudantis da Primavera para a mobilização da cidade e para a formação dos jovens e divergência quanto ao lugar das mulheres: o jornalista as associa ao ambiente social dos jogos, enquanto que a ex-atleta se reconhece como protagonista de treinos, competições e disputas por espaço. Os relatos evidenciam que a participação feminina teve preconceitos, preferência institucional por equipes masculinas, divisão entre meninas e meninos nas aulas e falta de apoio público e financeiro e que, nesse contexto, a escola ora reproduziu essa divisões, ora abriu possibilidades por meio de professores que incentivaram as alunas, A imprensa por sua vez, registrou imagens das atletas mas não noticiou sobre preconceitos e desigualdades que as atletas enfrentaram. O estudo se limita a dois colaboradores, registros de jornal e memórias construídas no presente, dessa forma, os resultados não podem se generalizar ao esporte escolar do município. Contudo, espera-se que este trabalho contribua para a historiografia do esporte regional, conferindo visibilidade às experiências femininas e promovendo reflexões críticas sobre a equidade de gênero no contexto da Educação Física escolar.

**Palavras-chave:** História Oral; Gênero; Esporte Escolar; Memória; Educação Física.

**Uma afirmativa perdida no contexto do texto…**

**ABSTRACT:**

Through oral accounts, the study investigated the sporting memories of a woman who competed as a school athlete, alongside the perspective of a local journalist. It examined their experiences and the media representation of women's sport in the city of Ponta Grossa, Paraná, between the 1970s and 1980s. This is a qualitative historical study designed as a case study, in which recorded interviews were considered alongside material from the newspaper Diário dos Campos. The interpretation of the accounts drew on gender as an analytical category and on three themes: the invisibility of women's sporting memories; identity and representation; and sport as a field of gender contestation. The findings show that both accounts highlight the importance of the Jogos Estudantis da Primavera (Spring Student Games) in mobilizing the city and shaping young people. They differ, however, in how they position women: the journalist associates them with the social setting of the games, while the former athlete sees herself as a protagonist in training, competition, and struggles for space. The accounts reveal that women's participation was shaped by prejudice, institutional preference for men's teams, the separation of girls and boys in physical education classes, and a lack of public and financial support. In this context, schools sometimes reproduced these divisions and sometimes created opportunities through teachers who encouraged female students. The press, in turn, published images of women athletes but did not report on the prejudice and inequalities they faced. The study is limited to two participants, newspaper records, and memories constructed in the present; therefore, its findings cannot be generalized to school sport across the municipality. Nevertheless, this work aims to contribute to the historiography of regional sport by bringing women's experiences into view and encouraging critical reflection on gender equity in school Physical Education.

**Keywords:** Oral History; Gender; School Sports; Memory; Physical Education.

## INTRODUÇÃO

O esporte, enquanto fenômeno social e cultural, é um campo de disputas e representações que demonstra as estruturas de poder e as normas de gênero em uma sociedade. No cenário brasileiro, a trajetória da mulher no esporte foi historicamente marcada por interdições legais e preconceitos sócio culturais que se fizeram presentes no contexto escolar e midiático de décadas passadas, conforme apontam as discussões historiográficas de Goellner (2006). A Educação Física, como componente curricular, desempenhou um papel ambivalente: se, por um lado, tendeu a reforçar estereótipos de gênero, por outro, configurou-se como espaço de resistência, superação e empoderamento para as jovens atletas.

Este trabalho investiga esse panorama histórico-social no município de Ponta Grossa, Paraná, e teve como objetivo resgatar e analisar as memórias esportivas escolares de uma mulher que foi atleta no período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980, colocando-as em diálogo com a perspectiva de um jornalista que realizava a cobertura de eventos esportivos locais no mesmo contexto histórico. Essa abordagem é fundamental para compreender a teia de relações entre a experiência pessoal subjetiva, a representação midiática institucional e a construção da memória histórica do esporte feminino regional.

Assim, a partir da premissa de que a memória individual atua como um agente de legibilidade para a compreensão de fenômenos coletivos, o estudo busca responder à seguinte questão central: De que forma as memórias de uma ex-atleta de eventos esportivos escolares e a perspectiva de um jornalista local contribuem para compreender o desenvolvimento do esporte e da educação física em Ponta Grossa (PR) ao longo das décadas de 1970 a 1980? Como essa trajetória cruzada pode revelar nuances de aspectos da educação e dos eventos escolares esportivos em Ponta Grossa, especialmente no que se refere à participação da mulher nesses contextos históricos?

Com a utilização da história oral buscou-se investigar as memórias esportivas escolares de uma ex-atleta e a perspectiva de um jornalista local sobre a participação feminina do esporte escolar em Ponta Grossa (PR) nas décadas de 1970 e 1980. E ainda, especificamente: a) reconstruir a história da atleta no esporte da infância às competições; b) identificar, na fala do jornalista, a percepção sobre os eventos esportivos escolares e sobre a participação das mulheres; c) verificar os

relatos orais com registros do Jornal Diário dos Campos; d) analisar, à luz da categoria de gênero, as barreiras, as estratégias de resistência e as condições materiais presentes nas duas narrativas.

A relevância deste estudo reside na possibilidade científica de triangular a memória vivida - a experiência corporal e subjetiva da atleta - com a memória pública, que compreende a narrativa e/ou edição e veiculação na imprensa local. A inclusão do olhar jornalístico qualifica o debate acadêmico, permitindo uma análise multifacetada e crítica do fenômeno sócio político do esporte.

Ao analisar os Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa entre 1985 e 2019, Duarte (2024) identifica avanços na participação feminina, mas observa que a busca por maior equidade ainda enfrenta obstáculos, especialmente em modalidades como o futsal.

O estudo de Pereira (2022) conclui que as trajetórias das jogadoras de futebol são atravessadas por desafios de inserção, permanência e reconhecimento profissional, além de barreiras relacionadas às desigualdades de gênero. (Pereira, 2022).

A valorização da memória individual, conforme defendida por teóricos da História Oral como Paul Thompson (1992) e Verena Alberti (2004), permite o acesso a fontes que os registros oficiais tendem a marginalizar, como:

- Visibilidade versus Silenciamento: mapeamento de como o esporte feminino foi retratado (ou silenciado) pela imprensa de Ponta Grossa. A análise dos relatos possibilitou identificar dissonâncias e convergências entre o fato vivido e sua representação midiática.
- Construção de Narrativas: Compreensão dos mecanismos de produção da história e da memória social do esporte, compreendendo-o como um campo de disputas simbólicas, nos termos propostos por Goellner e Jaeger (2007).
- Relevância e Descentralização Historiográfica: Contribuição para preencher lacunas na historiografia esportiva do interior do Paraná, elegendo Ponta Grossa como um polo de análise para as questões propostas.

Do ponto de vista pedagógico, ao evidenciar as barreiras, os preconceitos e as estratégias de resistência das atletas pioneiras, este estudo pode contribuir para que futuros professores compreendam como as desigualdades de gênero foram construídas e como ainda podem se manifestar nas aulas de Educação Física. Essa

discussão dialoga com as Competências Gerais 1, 9 e 10 da BNCC[1]. Também se relaciona à Competência Específica 5 de Educação Física[2]. Assim, o estudo da história do esporte feminino pode oferecer subsídios para que o professor planeje intervenções pedagógicas comprometidas com a equidade, a coeducação e a inclusão.

Compreender as relações de gênero no esporte escolar pede um olhar não apenas para os documentos oficiais, mas também para as experiências de quem participa desse contexto. Nesse sentido, a História Oral, proposta por Thompson (1992), contribui como recurso metodológico e analítico, pois permite conhecer as narrativas da atleta e compreender aspectos pessoais de suas vivências.

Teoricamente o presente trabalho está ancorado nas contribuições da História Oral que ultrapassa a dimensão de técnica de coleta de dados, e se configurando como uma postura metodológico-epistemológica para o resgate de trajetórias que foram historicamente silenciadas pelos registros oficiais.

Conforme afirma Paul Thompson (1992), a história oral amplia quem pode contar a história, valorizando as experiências de pessoas que costumam ser pouco ouvidas nos relatos oficiais. Verena Alberti (2004) também destaca que os relatos orais contribuem para compreender a sociedade a partir das experiências pessoais de cada indivíduo.

A História oral se relaciona com a memória que não deve ser compreendida como um arquivo estático ou um reflexo literal do passado, mas sim como um processo dinâmico, coletivo e subjetivo de reconstrução do vivido no tempo presente. Ecléa Bosi (1994) acentua a conexão da memória com a dimensão corporal e a experiência sensível, fator de relevância quando se analisa a cultura esportiva.

Conforme lembram Goellner e Jaeger (2007, p.4), a memória é, por natureza, um campo de disputas simbólicas, no qual certas narrativas operam por predominância enquanto outras são empurradas para o esquecimento. Essa dinâmica entre lembrança e apagamento é aprofundada por Michael Pollak (1989), ao destacar a existência de memórias marginalizadas que desafiam as versões

[1] Competências 1, 9 e 10 da BNCC: valorizam os conhecimentos historicamente construídos, o respeito à diversidade e a atuação orientada por princípios democráticos e inclusivos (Brasil, 2018).
[2] Competência 5 da EF na BNCC: que propõe identificar a produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater atitudes discriminatórias nas práticas corporais (Brasil, 2018).

institucionais do passado:

> *As memórias subterrâneas, que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível, afloram nos momentos de crise ou quando a linguagem oficial deixa de fazer sentido. Elas se contrapõem à memória oficial enquadrada e organizada pelos detentores do poder, revelando os conflitos e os silenciamentos impostos a determinados grupos sociais.*

Trazer essas vozes silenciadas para o campo historiográfico implica também exercer o que Paul Ricoeur (2007, p. 102) conceitua como uma obrigação ético-política diante dos esquecimentos forçados impostos pelas estruturas de dominação. Sobre essa dimensão reparadora, Ricoeur salienta:

> *O dever de memória é o dever de fazer justiça, pelos meios da narrativa, a um outro diferente de si. Trata-se de uma dívida para com as vítimas que foram privadas de sua voz na história oficial, exigindo o resgate do sofrimento e das lutas que os registros hegemônicos buscaram apagar.*

Preservar a memória esportiva feminina em nível regional equivale, portanto, a salvaguardar um patrimônio cultural imaterial. O resgate dessas trajetórias rompe com o "esquecimento comandado" Ricoeur (2007) e estabelece uma relação crítica entre a narrativa biográfica da atleta e a crônica documental, oferecendo um contra-discurso indispensável para o ensino e a pesquisa em Educação Física.

A visibilidade significa dar espaço e reconhecimento a pessoas, práticas e histórias que foram deixadas de lado ou pouco valorizadas nos discursos dominantes. No contexto da história do esporte feminino, alcançar a visibilidade significa romper com o apagamento historiográfico e dar destaque à presença, aos obstáculos e às conquistas das atletas brasileiras no espaço público.

Ainda, o conhecimento, é entendido não como um acúmulo neutro ou estático de fatos, mas como uma construção social, histórica e dinamicamente situada. Na Educação Física, o conhecimento crítico implica compreender as raízes e as estruturas que produziram as desigualdades de gênero, fornecendo aos estudantes e professores ferramentas para que não se naturalize preconceitos e transforme as práticas corporais na escola.

E ainda, representatividade, refere-se à presença legítima e qualitativa de grupos historicamente sem representações nas instâncias de decisão, na narrativa historiográfica e no currículo escolar. Vai além da mera exibição quantitativa: garante que as vozes, demandas e experiências desses grupos sejam reconhecidas como

constituintes da cultura e da sociedade. Na Educação Física, a representatividade de atletas femininas oportuniza referenciais de protagonismo e autonomia para as alunas, fortalecendo a construção de uma cidadania inclusiva.

Dessa forma, a categoria analítica de gênero é adotada sob a perspectiva histórico-social de Joan Scott (1995), definindo-a como uma forma primária de significar as relações de poder fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos. No âmbito das práticas corporais e do esporte, o gênero atua como um divisor: historicamente, a inserção das mulheres foi tutelada, interditada ou marginalizada sob justificativas biológicas e morais, conforme documentado por Silvana Goellner (2006).

A Cultura Corporal de Movimento compreende as práticas corporais produzidas historicamente pelos seres humanos e constituídas como manifestações culturais, como os jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas. Na BNCC, essas práticas são abordadas como manifestações da cultura corporal que devem ser tematizadas nas aulas de Educação Física, considerando seus significados sociais, históricos e culturais, de modo a ampliar as experiências e os conhecimentos dos estudantes (Brasil, 2018).

Na década de 1970, a Educação Física escolar passou a valorizar cada vez mais o esporte, o condicionamento físico e o desempenho. Durante a ditadura militar, leis organizaram as aulas que eram separadas por gênero e políticas públicas incentivaram a prática esportiva. Mesmo assim, professores e escolas nem sempre trabalhavam da mesma forma, por isso esse período precisa ser analisado considerando diferentes práticas e ideias pedagógicas Oliveira (2002) Rei e Lüdorf (2012).

A Lei nº 5.692/1971 manteve a Educação Física como disciplina obrigatória nas escolas. No mesmo ano, o Decreto nº 69.450 estabeleceu orientações para as aulas e para o esporte escolar. Nesse contexto, o esporte e o condicionamento físico ganharam espaço no planejamento escolar.

Ao mesmo tempo, as mulheres ainda enfrentavam limites para participar de algumas práticas esportivas. Essas restrições vinham de períodos anteriores e continuaram influenciando o esporte durante os anos 1970.

Em 1941, o Decreto-Lei nº 3.199 proibiu as mulheres de praticar esportes considerados incompatíveis com sua “natureza”. Em 1965, uma norma do Conselho

Nacional de Desportos especificou modalidades proibidas, como futebol, futebol de salão, rúgbi, lutas e halterofilismo. Além disso, em 1977, a lei 6.503, torna a Educação Física facultativa para vários graus e ramos de ensino, entre eles, a mulher com prole, dessa forma, mães, se assim quisessem, eram dispensadas da obrigatoriedade de participação nas aulas de Educação Fìsica.

Essas proibições refletiam ideias de que as mulheres eram frágeis e deveriam preservar a função materna. Portanto, as restrições não dependiam apenas das atitudes de algumas pessoas: também estavam presentes nas regras oficiais do esporte brasileiro Ribeiro (2023).

Em 1979, uma nova deliberação revogou a lista de modalidades proibidas às mulheres. Ainda assim, isso não garantiu igualdade imediata. No futebol feminino, por exemplo, a regulamentação específica só veio em 1983.

Também é importante distinguir as regras do esporte das orientações para as aulas de Educação Física. O Decreto nº 69.450/1971 previa turmas separadas por sexo e organizadas, de preferência, conforme o nível de aptidão física dos estudantes. Essa regra mostra como as aulas eram organizadas, mas não significa, por si só, que todas as modalidades fossem proibidas às meninas nas escolas.

Assim, entre 1970 e 1980, o esporte ganhou espaço na Educação Física escolar, mas as mulheres continuaram enfrentando normas e ideias que limitavam sua participação. Esse contexto possibilita entender como as leis e os valores da época reduziram as oportunidades esportivas para as mulheres. Também é importante lembrar que, apesar dessas barreiras, houve resistência e iniciativas femininas no período. Assim, interpretar os relatos à luz do gênero permite desvelar como essas barreiras operaram no cotidiano ponta-grossense.

O levantamento bibliográfico foi estruturado para amparar as conexões entre gênero e o contexto histórico das décadas de interesse da pesquisa. Nesse sentido buscou-se referenciais sobre a História oral e trajetórias femininas, com o trabalho de Coelho e Marta (2021) que tratam a entrevista biográfica e a metodologia de história oral como fundamentais para recuperar a memória de mulheres dedicadas às práticas corporais, oferecendo o suporte de procedimentos para esta pesquisa.

Para além da escola, as contribuições teóricas de Goellner (2018) examinam os mecanismos nacionais de silenciamento e as táticas históricas de apropriação do espaço esportivo e futebolístico pelas mulheres, amparando teoricamente as noções

de interdição.

## METODOLOGIA

O caminho metodológico seguido foi a investigação bibliográfica e qualitativa, pautado no entendimento de que os fenômenos humanos e históricos demandam uma interpretação extensiva de seus significados e contextos subjetivos. Caracteriza-se operacionalmente como um Estudo de Caso Histórico-Social, amparado nos pressupostos metodológicos de Robert Yin (2001). O lócus da pesquisa é o município de Ponta Grossa (PR), ambiente com características industriais e educacionais específicas no interior do Paraná, cuja memória historiográfica esportiva carece de registros científicos sob a ótica de gênero.

A pesquisa constituiu-se a partir de dois sujeitos colaboradores selecionados intencionalmente por critérios de relevância histórica, temporal e conhecimento do pesquisador sobre a história de vida desses sujeitos. De um lado a colaboradora ex-atleta: mulher, 63 anos de idade, estudante e praticante de modalidades esportivas em competições escolares locais de Ponta Grossa durante o recorte temporal investigado. De outro lado o colaborador jornalista: 81 anos, profissional da imprensa local atuante no período correspondente, responsável por registrar e editar a memória pública de eventos escolares.

O principal instrumento de produção de dados foi a entrevista gravada com os participantes de aproximadamente 5 horas no total e transcrita de forma manual, ou seja, sem uso de recurso tecnológico, ancorada na técnica de História Oral Temática. O roteiro semiestruturado foi organizado em blocos temáticos: 1- Contexto familiar e inserção na cultura corporal; 2- Cotidiano escolar e rotinas esportivas; 3- Percepções institucionais de gênero e barreiras sociais; 4 - Relação com a imprensa local e visibilidade pública.

Para a triangulação de dados com as fontes orais o levantamento dos acervos impressos de um periódico local — Diário dos Campos — obedeceu a um plano de amostragem sistemático e transparente, delimitado pelos seguintes critérios: 1 - recorte temporal: a busca documental priorizou as edições publicadas entre os anos que compreendem o estudo, intervalo cronológico que circunscreve o período de atuação e inserção esportiva dos colaboradores entrevistados; 2 - os descritores de busca: o mapeamento das matérias jornalísticas foi norteado pelos

termos-chave e seus cruzamentos: 'Educação Física', 'Esporte Feminino', 'Mulheres no Esporte', bem como os nomes próprios dos colaboradores identificados no corpus da pesquisa; 3 - critérios de seleção e inclusão: foram selecionadas para análise textual e iconográfica as reportagens, crônicas esportivas, notas sociais e registros fotográficos que se referiam diretamente sobre a cobertura de competições femininas, as representações sociais da mulher atleta veiculadas pela imprensa da época e o nível de fomento ou negligência institucional direcionado ao esporte das mulheres.

A partir da literatura revisada, definiram-se as seguintes categorias de análise, aplicadas na interpretação dos relatos orais e dos documentos midiáticos: 1 - memória esportiva feminina invisibilizada - esta categoria analisa os dispositivos sociais e midiáticos que operaram na invisibilização das conquistas e da prática regular de mulheres no esporte. Dialogando com Goellner e Jaeger (2007), contrapõe-se o apagamento histórico da memória pública local com a riqueza emergente da memória vivida da ex-atleta; 2 - narrativas de identidade e representatividade - focada na construção de si por meio do corpo e do esporte. Investiga como a identificação com a prática corporal escolar incidiu na subjetividade da colaboradora e na leitura do jornalista sobre a representatividade feminina nos periódicos regionais; 3 - esporte como campo de disputa e de gênero - embasada em Scott (1995) e Altmann (2015) foca nas diferenças de poder, nas divisões espaciais (quadras, horários, modalidades) e nas barreiras morais impostas às mulheres no ambiente educacional das décadas de 1970 a 1980, mapeando as táticas de resistência desenvolvidas por elas.

Em observância às regulamentações vigentes sobre ética em pesquisa, o estudo assegura a dignidade e a proteção dos colaboradores. Ambos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No que concerne à integridade ética da pesquisa com seres humanos, ressalta-se que, o estudo assume o compromisso irrestrito de proteção à dignidade e à integridade psicossocial dos colaboradores.

Diante da emergência de relatos subjetivos que evoquem memórias de episódios de violência institucional, discriminação de gênero ou tensionamentos políticos da época, foi adotado o princípio da validação consensual. Isso significa que os trechos de transcrição literal dessas ocorrências, bem como as análises

interpretativas tecidas, foram submetidos à leitura, revisão e anuência prévia dos respectivos entrevistados antes da redação final do trabalho. Tal medida assegura que o protagonismo e o resgate da memória política não resultem em exposição negativa, constrangimentos ou revitimização no cenário contemporâneo.

## ANÁLISE E RESULTADOS

A análise das entrevistas realizadas com a ex-atleta e com o jornalista possibilitou identificar diferentes formas de construção da memória em torno do esporte escolar e da participação feminina em Ponta Grossa (PR). As falas apresentadas pelos entrevistados revelam experiências diferentes e marcadas pelo lugar que cada um ocupou no cenário esportivo: enquanto a entrevistada vivenciou o esporte diretamente como atleta, o entrevistado acompanhou parte importante desses acontecimentos como jornalista e profissional da comunicação esportiva.

Essas duas visões são possíveis de serem analisadas a partir da perspectiva de Alberti (2004), ao considerar a História Oral como possibilidade de compreender experiências individuais inseridas em determinados contextos sociais. E da mesma forma Thompson (1992), ao destacar a importância da História Oral para a ampliação das possibilidades de construção da história, principalmente ao possibilitar que experiências, que nem sempre aparecem nos registros oficiais, sejam incorporadas à pesquisa. Nesse estudo é possível afirmar a importância dessas perspectivas porque permite colocar em diálogo a memória vivida pela atleta e a memória pública construída a partir da atuação do jornalista.

A trajetória esportiva da atleta teve início ainda na infância. Na entrevista, a prática corporal aparece diretamente ligada às brincadeiras realizadas na rua, principalmente ao futebol. A entrevistada recorda que, entre seus sete irmãos, sendo três homens e quatro mulheres, era a única menina que costumava sair para brincar com os meninos:

> *Era o principal nosso, era o futebol. A gente até fazia disputa, é, campeonatinho assim [...] disputando Ki-Suco. Hoje é Tang, [...] Aquela época era o Ki-Suco. A gente reunia o dinheirinho, ia lá comprava caixinha de Ki-Suco e fazia [...] Fizemos um campo atrás do antigo Hospital 26 de Outubro. Na época eles arrancaram os pinheiros que tinha ali. A gente pediu pra patrola passar. [...] pra deixar meio plano. Fizemos um campo ali atrás de 26 de Outubro e ali nós fazia nossos campeonato. E bom que era, né? (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

Essa lembrança é importante para compreender a construção de sua

identidade esportiva, pois o esporte não surge inicialmente como uma atividade institucionalizada, mas como parte de sua infância e de sua vida social. A entrevistada afirma que jogava futebol na rua, participava de pequenos campeonatos organizados pelas próprias crianças e descreve essa experiência como uma forma de liberdade. Liberdade esta, que era acompanhada por problemas relacionados ao fato de ser menina. Em sua fala, afirma que sua mãe não queria que ela fosse para a rua jogar com os meninos e que chegou a puni-la por isso. Ainda assim, a entrevistada continuava retornando às brincadeiras e afirma que não aceitava a ideia de que, por ser mulher, deveria ser inferior aos meninos

Pode-se relacionar essa experiência à discussão apresentada por Scott (1995), para quem o gênero constitui uma forma de significar relações de poder a partir das diferenças percebidas entre os sexos. No caso da entrevistada, a diferença de gênero aparece ainda na infância, quando a prática do futebol é percebida como mais adequada aos meninos. Assim, antes mesmo da inserção formal no esporte escolar, já estavam presentes determinadas expectativas sobre quais práticas corporais seriam apropriadas para meninas e meninos.

A contribuição de Altmann (2015) também auxilia na compreensão desse resultado, especialmente porque a autora discute como as práticas corporais escolares foram historicamente atravessadas por diferenciações entre meninos e meninas. A experiência relatada pela entrevistada demonstra que essas diferenças não estavam somente no espaço escolar, mas faziam parte de relações sociais mais amplas.

Ao longo da entrevista, a atleta reforça diversas vezes a ideia de que não permitia que aquilo que os outros pensavam sobre o comportamento feminino determinasse sua relação com o esporte, reafirmando que a experiência vivida na infância ajudou na formação da sua identidade marcada pela resistência.

A escola aparece como espaço de acesso às práticas esportivas e desenvolvimento da trajetória da entrevistada que relata que a entrada no ambiente escolar aumentou ainda mais essa possibilidade. Na quinta série, ela recorda que a professora de Educação Física perguntou quem gostava de jogar e, a partir dessa identificação, ela iniciou sua participação na OLIJUP (Olimpíada Infanto Juvenil Pontagrossense) no handebol, inicialmente como goleira. Posteriormente, passou ao basquete e integrou a seleção de Ponta Grossa. Afirma ainda que a OLIJUP foi o

espaço que lhe possibilitou experimentar diferentes modalidades, entre elas handebol, basquete e atletismo:

> *Quarta, quinta série. Quarta, quinta série. Aí eu lembro que chegou a professora Vera na, na, na sala e perguntou quem que gostava de jogar. Eu levantei a mão, né? Não sabia o quê. Daí ela falou: "ah, mas só tem vaga pra handebol e no gol". Eu continuei com a mão. Aí no colégio, Senador Corrêa fazia os jogos da OLIJUP, que era entre os colégios aqui de Ponta Grossa, né? E eu comecei no colégio jogando handebol no gol. Algum acho que um ano, dois anos depois, já fui convidada a jogar handebol pra seleção de Ponta Grossa. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

**Figura 01 -** Equipe feminina de handebol - II OLIJUP 1975



**Fonte:** Diário dos Campos, Ponta Grossa, 19 de maio de 1984. Acervo pessoal da entrevistada.

A figura 01 destaca a equipe feminina de handebol do Grupo Escolar Senador Correia, posteriormente Colégio Estadual Senador Correia, participando do evento poliesportivo Olimpíadas Infanto Juvenil Pontagrossense. Conforme a narrativa da entrevistada este evento foi uma porta de entrada no mundo esportivo.

Outro aspecto relevante encontrado nesta entrevista, refere-se às aulas de Educação Física. Para a entrevistada, essas aulas eram um dos momentos mais aguardados da escola. Ela recorda que gostava especialmente das atividades práticas e que as aulas eram, em sua maioria, realizadas na quadra, com exceção dos dias de chuva, que não tinha outra alternativa, pois a quadra não era coberta, Quando questionada sobre aulas teóricas, em sala, brinca que torciam para não chover:

> *Tinha quando chovia, né? Porque a quadra era aberta, mas assim mesmo, a gente rezava pra não chover, né? Porque eu gostava de tá lá na quadra. Lembro de professores da época de OLIJUP, que não eram de educação*

> *física, mas todos os professores se envolviam, né? (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

É importante salientar que os professores deste período eram leigos no que se refere ao ensino da Educação Fìsica pois o curso de Licenciatura em Educação Física foi criado em 1973 com a primeira turma iniciando em 1974 (UEPG, s.d.) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), portanto a região enfrentava carência de professores formados, evidenciando os desafios relacionados à formação específica dos profissionais da área naquele período, embora não permita afirmar que todos os professores atuantes fossem desprovidos de formação. Nesse cenário, a Educação Física não aparece na memória da entrevistada apenas como uma disciplina escolar, mas também como um espaço de participação, convivência e identificação com o esporte.

A entrevistada também destaca o envolvimento de professores de diferentes áreas nas atividades esportivas do colégio, mostrando que a prática esportiva ia além da atuação exclusiva do professor de Educação Física. Ela menciona professores de Matemática, Ciências e outros profissionais que participaram e apoiaram as atividades relacionadas aos jogos escolares.

> *Nossa, de todo o colégio inteiro. É, o professor Elói, que era o meu professor de matemática, professora Vera, que era de educação física. É, lembro do, vamo ver se eu vou lembrar o nome. É, professor Ari Nora dava aula no Senador, professor [3]Ari Nora vai lembrar da, da OLJIUP, que ele dava aula no Senador. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

Ao mesmo tempo, sua fala evidencia a existência de uma divisão entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Segundo ela, inicialmente os meninos eram colocados de um lado e as meninas de outro. Altmann (2015), aborda as formas pelas quais a organização das práticas corporais escolares podia reforçar as diferenças entre meninos e meninas, ela fala:

> *É, menino prum lado, menina pro outro, né? Mas no final daí tudo se misturava, né? Tudo se misturava. Os, meninos jogavam futebol de salão ali no colégio. … Ah, nós jogava futebol ali também. As meninas jogavam. Nós jogava, nós jogava futebol ali também, não queria nem saber […] (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

No caso analisado, a divisão entre os grupos demonstra que o gênero também podia organizar a ocupação da quadra e as possibilidades de participação.

---

[3] Professor Ari Nora, formado em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos do Paraná, foi professor da UEPG, atualmente aposentado.

Entretanto, ela relata que, no final, acabava participando das atividades realizadas pelos meninos, inclusive do futebol de salão. Esse resultado reforça a importância da escola e da Educação Física na construção das experiências corporais. Ao mesmo tempo em que o espaço escolar poderia reproduzir determinadas divisões entre os sexos, também poderia possibilitar novas experiências e ampliar as oportunidades de participação das meninas.

A experiência da entrevistada demonstra que essas divisões não eram necessariamente absolutas. Sua participação nas atividades, que seriam somente para os meninos, mostra uma forma de resistência cotidiana na qual a própria prática corporal permitia ultrapassar os limites estabelecidos.

Nesse sentido, Scott (1995) contribui para compreender que as diferenças entre homens e mulheres não podem ser analisadas apenas como diferenças individuais, mas como relações construídas socialmente e atravessadas por relações de poder. A quadra, nesse contexto, torna-se também um espaço no qual essas relações são vivenciadas.

É possível também perceber a importância dos professores na construção de oportunidades para as meninas. A professora de Educação Física aparece diversas vezes durante a entrevista como figura de incentivo e apoio. A entrevistada afirma que ela sempre a estimulou a permanecer no esporte e que, naquela época, os professores assumiam uma função que ia além do ensino de uma modalidade, eram referências pessoais para os estudantes:

> *Professora Vera sempre me incentivou a jogar bola. Sempre assim, a, a tá dentro do esporte. O por quê Pri? Hoje, como eu falei pra você, é, aquela época os professores se tornavam o segundo pai nosso. E hoje, não sei se era TDAH, se era hiperatividade que eu tinha, mas na época era ruindade, eu era ruim, né? E hoje tem todo esse nome, TDAH, hiperatividade, né? Mas eu era ruim na época. Na época não existia isso, você tem, né? Era ruindade. Eu era muito agitada. Era muito agitada. Então, o esporte fazia eu jogar tudo isso. E ela me incentivava muito. Ela, nossa, ela, por ela, ela me adotava, né? (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

Dessa forma, a escola aparece ao mesmo tempo, como um espaço de reprodução de determinadas divisões de gênero e como possibilidade de superação dessas limitações, especialmente quando os professores reconheciam e estimulavam o potencial esportivo das estudantes.

Entre os acontecimentos marcantes da entrevista, está sua participação nos

[4]Jogos Estudantis da Primavera de Ponta Grossa. Essa passagem possui um significado especial porque o Senador Correia, segundo ela, não costumava participar da competição. Conta ainda que insistiu para que a professora levasse uma equipe de basquete. A dificuldade estava no fato de que havia um pequeno número de atletas disponíveis. Mesmo assim, a entrevistada insistiu para que as meninas participassem e afirmou à professora que não garantia o primeiro lugar, mas que traria o segundo para o colégio.

A equipe avançou na competição e chegou à disputa pelo primeiro e segundo lugares. O resultado foi justamente o segundo lugar prometido, o que marcou como uma das lembranças mais importantes de sua vida esportiva. O significado que esse acontecimento teve para a entrevistada, entretanto, vai além do resultado esportivo. Ela afirma que a professora havia comprado agasalho e tênis para ela e que, por esse motivo, sentia muita responsabilidade em corresponder à confiança recebida.

> *[…] Ali tinha Jogos da Primavera e o colégio Senador Correia nunca participou de Jogos de Primavera. E eu pedi pra professora Vera colocar a nossa equipe de basquete pra jogar. E ela falou assim: "Mas eu não tenho time, só tá você. Só tá você, né? As meninas já saíram". Eu falei: "Não, coloca as meninas só pra me passar a bola". Lembro, Pri, que eu falei assim pra ela: "Eu primeiro lugar não garanto, mas segundo lugar eu trago pro colégio". E fomos pra esses jogos. E foi indo, foi indo, a gente foi ganhando, foi ganhando. Passando. E final, disputa de primeiro e segundo lugar, foi contra o Túlio de França, de União da Vitória. Mas não sei se o Túlio é de União da Vitória ou de Porto União, mas foi dessa cidade. E nós fomos disputar a final no basquete […] (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

Essa conquista é como um momento de reconhecimento individual e coletivo. A atleta não estava apenas disputando uma competição: estava representando uma escola que, segundo sua memória, não tinha tradição de participar daquele evento e, para além disso, estava dando um retorno para a professora que tanto a apoiou e incentivou:

> *Pois é, o estudantes da primavera foi esse que eu te falei, né? Que eu participei, que a gente trouxe Ser o segundo lugar que a disputa foi contra o Túlio de França. Isso aí me marcou muito, muito, muito porque, o colégio não participava, né? Podia, mas não participava porque vinha muito colégio de fora com [...] excelentes atletas. E o nosso colégio não tinha tantas atletas assim. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

Os Jogos Estudantis da Primavera representam o espaço onde a atleta pode

---

[4] Jogos Estudantis da Primavera, evento esportivo escolar realizado anualmente desde 1956 e reúne estudantes de diferentes instituições de ensino em mais de 21 modalidades esportivas. UEPG (2026) e Biagini (2025)

conquistar visibilidade e reconhecimento por meio de sua atuação e atuar na transformação dentro da própria instituição escolar. Esse movimento de formar uma equipe demonstra que a participação feminina também dependia, em determinados momentos, da disposição das próprias estudantes em reivindicar seu lugar.

Goellner (2018) discute justamente sobre as formas históricas de apropriação dos espaços esportivos pelas mulheres. A presença feminina nesses espaços não ocorreu de maneira automática, mas foi construída por diferentes formas de participação e resistência.

A memória da entrevistada sobre os Jogos Estudantis da Primavera é similar com o relato do segundo entrevistado, o jornalista, pois ambos descrevem o evento como uma atividade que movimentava todos de uma forma geral, os atletas, as famílias, escolas e diferentes setores da cidade.

A entrevistada relatou que o público comparecia em massa aos ginásios e que muitos pais acompanhavam seus filhos. Também discorreu sobre as escolas receberem atletas de outras cidades, pois serviam de alojamento durante o período dos jogos, enquanto os demais estudantes da escola, que por sua vez não tinham aula, eram incentivados a acompanhar e torcer pelas equipes:

> *Nossa, movimentava. Movimentava a cidade. É, é, os colégio, tinha colégio que, que dava alojamento, né? Para quem vinha de fora, ficava sem aula, né? Aqueles quinze dias. Isso aí era, nossa, os alunos adoravam, né? (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026, Ponta Grossa/PR)*

**Figura 02 -** Reunião da coordenação do XXVI Jogos Estudantis da Primavera



JEPs: participação de 50 instituições

Após a realização do "Congresso Técnico" no último sábado, com lugar no Pequeno Auditório da UEPG, a Coordenação Geral dos XXVI Jogos Estudantis da Primavera, — numa promoção da Universidade Estadual de Ponta Grossa, juntamente com o Diretório Central de Estudantes, ao lado da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte e da Secretaria de Educação Física e do Desportos, do MEC-Ministério da Educação e Cultura — já tem em mãos a relação dos estabelecimentos de ensino de Ponta Grossa, assim como de outras instituições de ensino do Paraná, que participarão do vigésimo sexto ano de realização dessa importante competição poliesportiva levada a efeito anualmente em Ponta Grossa, reunindo aqui, inúmeras delegações provenientes dos mais diversos quadrantes do Estado.

PARTICIPANTES

Com solenidade de abertura programa para às 14 horas, a ter lugar no Estádio Germano Kruger, no próximo sábado, quando acontecerá o tradicional Desfile dos estabelecimentos participantes, estarão se apresentando cerca de oitocentas delegações nessas XXI JEP's sendo vinte e seis instituições de ensino de Ponta Grossa, e vinte e quatro outras de cidades paranaenses, a saber: Instituto São Pedro Canisio, Escola Antonio Xavier da Silveira, Escola Nossa Senhora das Graças e Colégio São Vicente de Paula, da cidade de Irati, Colégio Estadual D.Alberto Gonçalves, de Palmeira; Associação das Escolas Reunidas do Instituto Cristão e Colégio Estadual Major Vespasiano Carneiro da cidade de Castro; Colégio Rui Barbosa e Colégio Cristo Rei, da cidade de Jacarezinho; Colégio Estadual de Uraí; Complexo Escolar Túlio de France e Faculdade Estadual de Filosofia, da cidade de Uraí; Faculdade Estadual de Ciências e Letras, da cidade de Telêmaco Borba; Colégio Estadual do Paraná, de Maringá; Colégio Marista, da cidade de São José, Colégio Estadual Santos Anjos, da cidade de Londrina.

Mel Maria Ignácio, de Rebouças; Colégio Arnaldo Busatto-Ensino de 1.o Grau, da cidade de Cascavel; Colégio Rui Barbosa, de Medianeira; Colégio Estadual de Virmond; Colégio Estadual de Guaraqueçaba; Colégio Estadual de Ubiratã; Colégio Estadual Pedro Segismundo, da cidade de Laranjeiras do Sul; Colégio Rui Ribeiro, da cidade de Quedas do Iguaçu; Colégio Estadual de Ciências Humanas, da cidade de Curitiba; e Colégio Estadual de Prudentópolis.

Martinez, Colégio São Vicente Pallotti, Colégio Sant'Ana, Escola São Francisco, Escola São José, Colégio Estadual Professor João Ricardo Von Borell du Vernay, Colégio Augusto Ribas, Colégio Professor Arnaldo Piloto, Seminário Verbo Divino, Escola Estadual Becker e Silva, Farmácia e Bioquímica, Faculdade Estadual de Ciências Humanas, Sociais, da química, Escola Marista Pio XII, Colégio Regente Feijó, Escola Senador Correia, Escola Presidente Kennedy, SEPAM, Colégio São Francisco de Assis, Escola General Osório, Escola Estadual Cid Gonzaga. De Ponta Grossa, estão inscritas as seguintes instituições: Instituto

(Continua na 1a. página do 2.o cad.)

**Fonte:** Diário dos Campos, Ponta Grossa, 19 de setembro de 1981. Museu Campos Gerais.

A figura 02 é uma reportagem do Diário dos Campos de 19 de setembro de 1981 que destaca a reunião da coordenação para realização dos jogos daquele ano. Salienta a quantidade de equipes participantes evidenciando a necessidade de

alojamentos extras para receber os atletas.

O jornalista apresenta uma visão semelhante onde fala que os eventos esportivos escolares movimentavam intensamente Ponta Grossa, levando famílias a diferentes espaços esportivos da cidade. Ele relaciona esse movimento inclusive ao comércio, restaurantes, hotéis e transporte:

> *Esses Jogos da Juventude que nós temos aí, Jogos Estudantis, não Jogos da Primavera. Esses jogos que pega a criança no primeiro nível escolar e vai até a universidade, esses jogos param a cidade. Foi um dos eventos que eu mais vi mães, tô falando mães, sem falar em pais, mas mães atravessando a cidade para levar seus filhos a jogar futebol, futebol de salão, xadrez, tênis de mesa, enfim, todas as modalidades, que é em ginásios fechados ou em campos abertos. Tinha mãe que levava o filho no ginásio da Palmeirinha, lá no Zucão, que antigamente era a Praça dos Bichos, e terminava o jogo, ele pegava o filho e a filha jogava no carro, atravessava, vinha jogar na Marechal Deodoro, onde é o Banco do Brasil, e hoje outros ginásios que tem, Marista Pio XII, enfim, tem uma infinidade de ginásios hoje. É um movimento intenso na cidade. Ganha o comércio, ganha os restaurantes, ganha a hotelaria, ganha todo mundo. Táxi ganha, todo mundo ganha, porque esses jogos criados lá atrás pelo Carlos Roberto Ferreira, é, movimenta a cidade, é a graça. Eu, por exemplo, tive quatro filhos, tenho quatro filhos. A minha esposa, enquanto eu fazia o trabalho jornalístico, a Vera levava o Júnior, que já era maiorzinho, jogar basquete no Marista. Levava o Fábio para jogar futebol de salão, na quadra do Zucão. Levava a Luciana jogar basquete no ginásio Borell du Vernay. Levava a Ana Paula, jogar não sei o que em outro ginásio. Aí, meio dia, pegava a tropa toda, dava de comer e de tarde voltava para jogar. (Jornalista, entrevista em 09/03/2026, Curitiba/PR)*

Essa igualdade de relatos é importante porque mostra que os Jogos não eram percebidos apenas como uma competição escolar. As duas memórias apontam para um evento com forte presença social e cultural na cidade. Bosi (1994), relaciona memória, experiência e a dimensão sensível do vivido. A memória, portanto, recupera não somente o acontecimento, mas os significados atribuídos a ele, ou seja, enquanto o entrevistado observa esse fenômeno a partir do lugar de jornalista e espectador, a entrevistada vive diretamente como participante.

E aqui mora a importância da triangulação proposta pela pesquisa: a memória pública e a memória vivida se encontram na visão de que os Jogos constituíam um acontecimento significativo para a comunidade.

Nesse contexto, o que jornalista relata tem uma percepção muito similar com a entrevistada, já relatada anteriormente:

> *Jogos da Primavera. Jogos da Primavera. Jogos da Primavera era como a Avenida Vicente Machado. Era o point das menininhas bonitinhas que saiam do Santana, do Instituto de Educação, com sainha plissada, na esquina das Casas Pernambucanas, ali Vicente Machado com Augusto Ribas, era a referência ali. Toda manhã era ali. Ali eu fui cupido de dois casamentos. Mas, no ginásio do Esporte Borel Du Vernay e em outros*

> *locais, de modo especial, o Borel Du Vernay, as meninas se enfeitavam bonitinhas, passavam batom, maquiagem, para ir ver os jogos. Na verdade, era para ver os namorados. (Jornalista, entrevista dia 09/03/2026 - Curitiba/PR)*

A questão de gênero aparece de maneira ainda mais evidente quando a entrevistada reflete sobre o tratamento destinado às mulheres que praticavam esportes. Ela afirma que escutava comentários segundo os quais futebol seria “coisa de homem” e fala que, apesar dessas manifestações, continuava praticando a modalidade. Em outro momento, ela afirma que o machismo esteve presente e que, a preferência sempre era pela equipe masculina, pois caso fosse necessário que o treinador escolhesse entre uma equipe ou outra, a preferência normalmente seria pelos meninos. Segundo a entrevistada *“Sempre, sempre foi, né? Homem sempre! Mas é a mulher que dá vida pros homem! Mas o homem sempre é o maioral. Engana-se, né?” (Ex-atleta, 2026).*

A entrevistada não descreve o preconceito como uma experiência isolada, mas como algo presente nas relações esportivas da época:

> *Os meninos aplaudiam a gente, sabe? Eu, particularmente assim, sempre tinha aquele, aquele, sempre tem aquele que vai: "Ai, ai". Que nem eu, ah, piazão, viu? Mas o meu jeito é esse, eu nasci assim. É, então por quê? Sempre tem aquilo. Que pra mim isso, é, preconceito, pra mim isso é a vontade de ser a gente. É, eu não chamo nem de preconceito, é vontade de ser a gente. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR)*

Ao mesmo tempo, suas ações diante dessas situações eram marcadas por mais resistência. Ela afirma que fazia “vista grossa” para determinados comentários porque não queria abandonar aquilo que gostava de fazer:

> *Ah, existiu. Isso não tem nem dúvida. É que a gente, eu pelo menos, eu fazia vista grossa, né? Que o que adiantava eu tá brigando, debatendo, discutindo. Eu gostava. E eu nunca deixei de ser eu, pelo que os outros falavam. Nunca, nunca. Mas preconceito existiu. Eu acho que até hoje existe, né? Até hoje exis-existe o preconceito. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR)*

Nessa fala pode-se perceber que a permanência das mulheres no esporte também envolvia decisões individuais de enfrentamento. A entrevistada não apenas ocupava os espaços esportivos disponíveis, mas permanecia neles, mesmo que sua presença fosse questionada. É possível analisar essa experiência com a ótica de Scott (1995), uma vez que as situações relatadas evidenciam relações de poder construídas a partir das diferenças de gênero. Goellner (2006), escreveu sobre como a inserção das mulheres nas práticas esportivas foi atravessada por diferentes

formas de controle, restrição e marginalização.

Analisando a trajetória vivida pela atleta, fica claro que a participação feminina não deve ser compreendida apenas pela quantidade de mulheres presentes nas equipes, sendo necessário observar em quais condições elas participavam, como eram reconhecidas e quais obstáculos precisavam enfrentar para permanecer nesses espaços.

A relação entre esporte feminino e imprensa constitui outro ponto importante dos resultados, pois a entrevistada recorda que suas participações eram publicadas nos jornais locais, porém de forma limitada. Ela relata que as equipes femininas apareciam nas publicações, mas geralmente ocupavam a condição de preliminares, enquanto os jogos considerados principais eram destinados aos homens: *“Sempre era as melhores, né? O melhor jogo, o melhor... A gente nunca ficava no jogo principal. A gente sempre fazia as preliminares, né? A-a, as falas eram- É, sempre de preliminar. Sempre, sempre teve, né?” (Ex-atleta, 2026)*

Já o jornalista fala, sobre o mesmo tópico, confirmando que os Jogos da Primavera receberam ampla cobertura da imprensa e que as transmissões radiofônicas acompanhavam as competições, mas destaca somente o crescimento do basquetebol feminino, como no Instituto de Educação, Colégio Santana e Sagrada Família:

> *Uma rivalidade. Eu também era o maior colégio da cidade, né? Mas depois o Instituto de Educação do Basquete Feminino, o Colégio Santana cresceu, veio o Sagrada Família mais tarde. Enfim, a coisa foi aumentando nos participantes de qualidade também ]…] Mas de basquete feminino importante, a Seleção Brasileira Feminina teve conquistas importantes. Quando o Botafogo era a base da Seleção, Botafogo, Flamengo, tem alguém de São Paulo. Mas eu não vivi isso intensamente. E de Ponta Grossa eu vivi. O basquete feminino em jogos abertos e jogos no verão. Esse eu vivi. (Jornalista, entrevista dia 09/03/2026 - Curitiba/PR)*

Essa diferença é importante para a categoria de memória esportiva feminina invisibilizada, estabelecida nesta pesquisa. Goellner e Jaeger (2007) contribuíram para compreender a memória como um campo de disputas simbólicas, no qual determinadas narrativas alcançam maior visibilidade enquanto outras podem permanecer em segundo plano. Comparando as duas narrativas percebe-se uma diferença fundamental: o esporte feminino era coberto pela imprensa mas não necessariamente recebia o mesmo espaço ou reconhecimento destinado ao masculino.

A própria entrevistada diferencia publicação de reconhecimento quando diz: “Reconhecida não, né? Porque o reconhecer é a cidade te abraçar como o atleta da casa, né? É, a, tive promessas, mas não tive a prática disso, né?” (Ex-atleta, 2026)

Ela recorda a emoção de ver seu nome e sua imagem publicados no jornal, especialmente porque sua família não tinha o hábito de comprar jornais. O recorte, portanto, ganhava valor simbólico e sentimental, pois representava uma forma de reconhecimento do público de sua trajetória.

**Figura 03 -** Atleta



**Fonte:** Diário dos Campos, Ponta Grossa, 19 de maio de 1984. Acervo pessoal da entrevistada

Figura 3, Matéria publicada no jornal Diário dos Campos, em 19 de maio de 1984, destacava a capacidade técnica das jogadoras de Ponta Grossa.

> Nesse dia (27/05), a Comissão Técnica do selecionado princesino pretende oferecer uma grande festa ao torcedor de nossa cidade, que deve, sem sombra de dúvidas, prestigiar essa promoção já que, estaremos mostrando nossas principais estrelas, dentre as quais várias sendo pretendidas pelo próprio Pinheiros [...] e até mesmo Radar do Rio de Janeiro numa demonstração do enorme poderio técnico existente na Princesa dos Campos. (Pinheiros, campeão estadual, 1984).

Em outra matéria publicada no mesmo jornal, porém nota-se que as atletas da cidade se destacavam a ponto do jornalista afirmar que poderiam fazer parte de qualquer time do Brasil e provocar os dirigentes dos times no sentido da valorização das suas atletas, pois já estavam no radar estadual e possivelmente nacional.

> Sueli Martins e Márcia brilham no Pinheiros - Quando escrevemos em nossos comentários anteriores que nossas atletas reuniam condições para jogar em qualquer clube do Brasil, porque conhecíamos suas virtudes. Muitos, na época, levaram o fato na “gozação”, me tachando disso e daquilo

> eu não “liguei”. Hoje tudo se confirma, ou melhor, confirma-se quem é que tinha razão. As atletas Sueli Martins (maior artilheira do futebol feminino do Paraná) e Márcia Stinski vestem hoje a camiseta azul e branca do Esporte Clube Pinheiros, da Capital, atual Campeão Paranaense de Futebol Feminino, ambas como titulares absolutas e como suas principais artilheiras [...] E não é só isso: Fátima de Jesus, com seus 16 anos apenas, já está contratada pelo Pinheiros para a próxima temporada e, se Marquinhos abrir o olho, pois corre o risco de perder outra atleta brilhante de seu plantel [...] Vejam vocês que já perdemos Sueli Martins e Márcia Stinski, e estamos perdendo Fátima de Jesus. Coincidentemente as três melhores atletas. E nessa lista podem entrar a Palmira, Rosângela, Fátima de Moraes, Angélica, Glaci, Beni e outras. [...] certamente, se os dirigentes não atenderem para “aqueles detalhes”, correm o risco de perdê-las no final desta temporada, [...]

Entretanto, quando falava sobre o que um jornalista poderia perceber, mas não necessariamente publicar, ela afirma que o preconceito poderia ser percebido, mas não seria mencionado na matéria:

> *Ele até enxergaria, mas não ia dizer o preconceito sobre a minha pessoa. É, não escreveria no jornal, mas enxergaria. Mas por ser um radialista, digamos assim, ele não iria escrever pela índole, né? Da pessoa, no caso, que um jornalista tem que ter índole, né? Sim. Não pode também sair escrevendo qualquer coisa assim. É, ele enxergaria, mas não escreveria, pelo respeito com a pessoa, com o ser humano. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR)*

Esse dado é fundamental para pensar a memória esportiva feminina invisibilizada. O silêncio não significa necessariamente ausência do acontecimento. Determinadas experiências poderiam ser vivenciadas pelas atletas, reconhecidas por jornalistas e pelo público, mas não transformadas em notícia falada em rádio ou publicada no jornal.

Nesse sentido, a História Oral assume importância justamente por possibilitar o acesso a experiências que podem não estar presentes nos registros documentais. Como afirma Thompson (1992), a História Oral amplia as possibilidades de construção histórica ao incorporar vozes que podem permanecer afastadas das narrativas tradicionais. Alberti (2004) destaca a importância dos relatos orais para a compreensão das experiências vividas.

A comparação das respostas, revela uma diferença significativa entre as duas formas de memória. O jornalista recorda a presença feminina nos Jogos Estudantis da Primavera, mas sua fala frequentemente associa as meninas ao ambiente social dos eventos, à torcida e às relações de namoro. Em determinado momento, por exemplo, descreve os Jogos como um espaço de encontro das meninas e destaca aspectos relacionados à aparência e à sociabilidade.

> *Veja bem, com o advento dos Jogos Estudantis da Primavera, foram movimentados todos os colégios de Ponta Grossa. Ali não cabia escola primária, mas do ginasial para cima foram movimentados. Então, aconteciam de muitas meninas, vamos dizer, da elite da sociedade, se envolverem, né? Por exemplo, tem a Maria Augusta Daitzmann, que é filha do Frederico e da dona Dora, né? Jogou muito basquete. A Ciboney, de família muito boa também, jogou basquete. A Leila de Locos jogou... O que mais tem? A Mosquito... Enfim, as meninas do Regente Feijó, Santana... Depois, o colégio da Ronda ali [...] Não, das freiras ali, né? Tô velho, esqueço... Sagrada Família! Aí São Luís, Regente... esse pessoal tudo participou. E tinha, nesse momento, a participação das meninas. Como eu disse para você, os Jogos eram referência para namoro. Então, as meninas, as normalistas, aquelas bonitinhas do Santana, eram a fina flor! Sainha azul plissada, blusinha branca, tá? Cinco da tarde começava o desfile na Vicente Machado. (Jornalista, entrevista dia 09/03/2026 - Curitiba/PR)*

A entrevistada, por outro lado, reconstrói sua experiência principalmente a partir da posição de atleta: lembra os treinamentos, as modalidades, as viagens, as competições, as dificuldades para formar equipes, as conquistas e os obstáculos enfrentados.

Essa diferença não deve ser interpretada como uma oposição: não se trata de uma fala verdadeira e outra falsa. Pelo contrário, demonstra como a posição social ocupada pelo sujeito influencia aquilo que é lembrado e a maneira como é narrado.

Essa compreensão está relacionada à concepção de memória apresentada por Bosi (1994), para quem a memória não funciona como simples reprodução do passado, ela é construída a partir da experiência e dos significados que o indivíduo atribui ao vivido.

Para o jornalista, as mulheres faziam parte da paisagem social e esportiva que ele acompanhava exercendo seu ofício, como indica sua descrição da Avenida Vicente Machado como ponto de encontro durante os Jogos (Jornalista, 2026).

Para a atleta, elas são companheiras de equipe, adversárias, professoras, e técnicas que compartilharam diretamente sua trajetória:

> *Fazia, era rivalidade ali dentro do campo. Fora de campo, a gente se reunia até pro churrasco. A riva-- ah, mas ali dentro do campo tinha rivalidade. Se você duvidar, cê saia quebrada. Tenho, muita delas tenho. Hoje que tão todas aposentadas já, né? Até hoje, mais... Mas tenho amizade, tenho amizade. Temos um grupo aí que a gente se conversa meio direto com algumas delas. Umas já morreram né, mas as que, as sobreviventes desse barco a gente conversa ainda. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR).*

Essa diferença torna-se especialmente importante quando se analisa a representatividade feminina. O entrevistado, por exemplo, reconhece que o basquetebol feminino de Ponta Grossa teve importância e menciona atletas e

equipes que se destacaram. Já a atleta apresenta essa história a partir de dentro, relatando o esforço necessário para conquistar oportunidades e permanecer no esporte.

Um dos resultados mais expressivos da entrevista da atleta está relacionado à diferença entre reconhecimento simbólico e apoio institucional. Ela afirma que era reconhecida por pessoas ligadas ao esporte, professores e torcedores. Relata também que recebia incentivo durante os treinamentos e percebia que algumas pessoas reconheciam seu potencial. Porém, mesmo com esse reconhecimento não teve garantias nem condições para que pudesse continuar na sua trajetória como atleta. Fala das dificuldades financeiras e afirma que precisava trabalhar, e se tivesse o apoio do poder público teria sua permanência e crescimento no esporte:

> Reconhecida não, né? Porque o reconhecer é a cidade te abraçar como o atleta da casa, né? É, a, tive promessas, mas não tive a prática disso, né? Foi quando eu passei no vestibular e fiz a transferência pra cá. Lá em Guarapuava eu tive uma, uma proposta imensa que se eu tivesse lá, é, eu, eu- Teria sido diferente? Vendo, mas como eu devia, né, a minha cidade. Tô perto da minha mãe, tô perto do meu pai, porque a gente foi criada muito pra vi-- tá junto com pai e mãe, né? Me prometeram mundos e fundos aqui, mas não cumpriram, né? Que aí o governo cortou minha bolsa, não pude mais estudar, não era duma Secretaria de Esporte dizer: "Não, vai lá, estuda, eu vou te dar um trabalho". Vamos, vamo mudar, porque eu fazia, pra mim intercalar treinamento, eu fazia aula de manhã, aula de tarde, aula de noite, pra mim poder intercalar o-o meus treinamentos, né? Que era preciso treinar, é. Então, isso me dói o coração, porque tinha como na época, eles sabendo que eu era uma boa atleta, que eu tinha um futuro pela frente muito melhor se eu tivesse o apoio. Apoio da família eu não podia ter financeiramente, né? Mas a prefeitura, na época [...]. *(Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR).*

Questões econômicas, institucionais e de acesso a oportunidades interferiam diretamente na trajetória da atleta. Assim, a entrevista com a atleta permite ampliar a discussão sobre gênero: não se tratava somente de enfrentar o preconceito por ser mulher, mas também de enfrentar condições sociais que dificultavam a permanência no esporte. Isso demonstra que as desigualdades esportivas não podem ser explicadas somente pela diferença entre homens e mulheres.

A possibilidade de permanecer no esporte também estava relacionada às condições materiais e às oportunidades oferecidas pelas instituições, situação vivida por ela na ocasião da perda da bolsa de estudos e sua convocação para a Seleção Paranaense. Segundo ela, após o encerramento da bolsa, precisou interromper os estudos por falta de condições financeiras e acabou não recebendo a comunicação de sua convocação. Como consequência, perdeu a oportunidade de se apresentar à

seleção, mostrando que talento esportivo, por si só, não garantia a continuidade da carreira. Questões econômicas, institucionais e de acesso a oportunidades interferiam diretamente na vida da atleta:

> Não participei porque não me apresentei, né? Alguns anos depois eu fiquei sabendo, né? Porque conheci algumas meninas que jogava, na Seleção Paranaense e me perguntaram: "Mas você, mas foi convocada pra Seleção, por que que cê não veio?" Eu falei: "Não tô sabendo". Cê vê, eu fui saber por boca de outros. Jacó me avisou. Jacó foi convocado também na época, né? É, me avisou. Me falou, mas isso depois que passou, né? Falei: "Agora não adianta, né? Deveriam ter sabido onde eu morar, ir lá em casa me avisar, eu ia me apresentar". Que Seleção, Seleção Paranaense, independente de você tá numa universidade, se tá jo-- é, você tá estudando ou não, é Seleção Paranaense, né? (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR).

Apesar das dificuldades, a atleta deu ao esporte um papel central na formação da mulher que se tornou. Ao pensar sobre sua vida no passado, afirma que os professores contribuíram para desenvolver características que carrega hoje como humildade, respeito, união e capacidade de reconhecer que nem sempre se vence:

> Olha, os professores tiveram [...] Professores, meus pais, tiveram muita mão deles, muito conselho deles, porque assim como eu falei, né, no meu tempo não existia hiperativo, hiperativismo, né? Não existia TDAH. Eu era bem revoltada assim, digamos, com a vida, né? Eu era agitada, agitada Que Deus o livre. É, é, não tinha medo de nada, sabe? Eles me moldaram assim dum jeito, que principalmente o meu caráter, a minha humildade, porque eu por ser meio destacada dentro do esporte, eu poderia ser metida, né? Essa bazona, mas nunca me, nunca me considerei melhor do que ninguém e isso foi professor que me moldou. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR)

Em outro momento, afirma que o esporte foi importante para sua formação como pessoa e cidadã, especialmente no aprendizado do respeito ao próximo, da lealdade e do trabalho coletivo:

> Pela atleta que eu fui. De respeitar, de ter união, de estender a mão, de ter humildade, que nem sempre a gente ganha. Nem s-- nem tudo a gente ganha na vida, a gente tem que aprender a ganhar e a perder. Isso dentro do esporte, dentro da vida, é, no trabalho, na, nas tuas amizade, enfim, no geral, nem sempre a gente ganha. Então a gente tem que aprender a ganhar e a perder. (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR).

O jornalista apresenta um entendimento similar. Para ele, o esporte tinha e tem uma função formativa que vai além do aprendizado das modalidades. Ele afirma que os eventos esportivos contribuíram para a formação de gerações e que o esporte ensina valores relacionados à convivência, disciplina e responsabilidade:

> Você vê o que ela fez antes do vôlei e depois do vôlei. É uma formação que ela trouxe do vôlei. Ela já tinha uma formação familiar. E com o vôlei ela

> adquiriu muito maior conhecimento. Eu não sou eu sozinho. Eu preciso da ajuda de todos. O esporte ensina isso, demonstra isso. Então o esporte para mim foi espetacular. E eu vi coisas que só o esporte me proporcionou. Não me proporcionou só a mim, proporcionou a muita gente. *(Jornalista, entrevista dia 09/03/2026 - Curitiba/PR)*

Nesse aspecto, as duas entrevistas se cruzam: tanto a memória da atleta quanto a do jornalista dão ao esporte escolar uma função educativa. Entretanto, a fala da atleta acrescenta uma dimensão fundamental: essa formação ocorreu também por meio da luta para ocupar espaços dos quais as mulheres eram frequentemente questionadas ou desencorajadas.

Ao olhar para o presente, a entrevistada reconhece avanços na participação das mulheres no esporte, mas considera que ainda existem desigualdades e que falta reconhecimento. Para ela existe uma ligação entre passado e presente onde considera sua própria trajetória como parte de um processo de abertura de espaços para outras mulheres. Ao recordar sua atuação, afirma que as mulheres de sua geração estavam “abrindo a porta” para atletas que posteriormente teriam melhores oportunidades:

> *[…] E o, e o futebol feminino, é, é, na, na nossa época abriu a porta pras menina hoje tá ganhando muito dinheiro e mostrando que a mulher pode tá onde ela quiser, que a mulher é boa em tudo e muitas vezes melhor do que o homem. Porque se o homem parar e pensar, foi uma mulher que colocou ele no mundo. Sem a mulher, ele não existiria. Eu penso assim, né?* (Ex-atleta, entrevista em 24/06/2026 - Ponta Grossa/PR).

Essa visão é central para a categoria de identidade e representatividade, pois transforma a memória individual em uma narrativa sobre uma geração. A atleta não se coloca apenas como alguém que praticou esportes. Ela interpreta sua vivência como parte de uma transformação na história da participação feminina.

Nesse sentido, a memória individual assume uma dimensão coletiva como discutido por Thompson (1992) e Alberti (2004), onde a História Oral permite que experiências particulares contribuam para a compreensão de processos sociais mais amplos e, alinhando-se com Goellner (2018), especialmente no que diz respeito à apropriação dos espaços esportivos pelas mulheres. A trajetória da entrevistada demonstra que ocupar esses espaços não significava apenas estar presente, mas construir possibilidades para que outras mulheres também pudessem participar.

A análise conjunta das entrevistas permite identificar três movimentos principais: O primeiro é a convergência onde os dois entrevistados reconhecem a importância dos Jogos Estudantis da Primavera para Ponta Grossa, sua capacidade

de mobilização social e seu papel na formação de atletas. Ambos também reconhecem a importância do esporte na formação dos jovens.

A entrevistada relata: "*Vinha muita gente de fora e muitos pais iam ver os filhos jogar, sabe, Pri? Muitos pais iam. Os meus não, porque não podiam, né? Tinha, tinha, tinha, tinha incentivo. Vai lá torcer pra escola. Convocava, né?" (Ex-atleta, 2026).*

O jornalista por sua vez:

> *Esses Jogos da Juventude que nós temos aí, Jogos Estudantis, não Jogos da Primavera. Esses jogos que pega a criança no primeiro nível escolar e vai até a universidade, esses jogos param a cidade. Foi um dos eventos que eu mais vi mães, tô falando mães, sem falar em pais, mas mães atravessando a cidade para levar seus filhos a jogar futebol, futebol de salão, xadrez, tênis de mesa, enfim, todas as modalidades, que é em ginásios fechados ou em campos abertos. (Jornalista, entrevista dia 09/03/2026 - Curitiba/PR).*

O segundo movimento é a diferença de perspectiva. Enquanto o jornalista constrói suas falas a partir da memória pública, da imprensa e da observação dos acontecimentos, a atleta apresenta uma memória vivida, marcada pela experiência corporal e emocional de ser atleta.

O terceiro movimento é o silenciamento. A memória pública registrada pela imprensa poderia preservar resultados, nomes e acontecimentos, mas nem sempre registrava as experiências de preconceito, dificuldades financeiras, ausência de apoio ou desigualdade de espaço que faziam parte da trajetória das atletas. E nesse ponto a História Oral contribui novamente quando recupera experiências que não aparecem necessariamente nas publicações jornalísticas ou que aparecem apenas parcialmente. Goellner (2007), compreende essa questão como uma disputa pela memória: aquilo que é registrado, publicado e preservado passa a fazer parte da memória pública, enquanto experiências que não recebem o mesmo espaço podem permanecer invisibilizadas.

Esses três movimentos interpretativos articulam-se às categorias de análise estabelecidas. A convergência entre os relatos evidencia a relevância dos Jogos Estudantis da Primavera para a memória esportiva de Ponta Grossa, contribuindo para a compreensão do esporte como experiência coletiva e espaço de formação, em diálogo com narrativas de identidade e representatividade.

A diferença de perspectiva entre a memória pública do jornalista e a memória vivida da ex-atleta permite compreender como as experiências individuais participam

da construção da memória esportiva, ao mesmo tempo que revelam distintas formas de reconhecimento e representação dos sujeitos envolvidos. Essa dimensão aproxima-se da memória esportiva feminina invisibilizada, especialmente quando as experiências das atletas não encontram correspondência nos registros públicos.

Por sua vez, os silenciamentos identificados nas narrativas, relacionados às dificuldades enfrentadas pelas mulheres, às condições de participação e às desigualdades de reconhecimento, articulam-se com o esporte como campo de disputa de gênero, desenvolvida neste estudo. Dessa forma, a análise cruzada das entrevistas e dos registros jornalísticos permite compreender que a história dos Jogos Estudantis da Primavera não se limita aos resultados e às competições, mas envolve também disputas em torno da participação, da visibilidade e do reconhecimento das mulheres no esporte escolar.

Aquilo que não foi registrado pela imprensa não deve ser automaticamente interpretado como inexistente. A memória da atleta permite ampliar a compreensão sobre o esporte feminino em Ponta Grossa, trazendo para o centro da análise experiências que poderiam permanecer invisíveis nos registros oficiais. Os resultados indicam que a trajetória esportiva feminina em Ponta Grossa esteve marcada por participação, resistência, reconhecimento e desigualdade.

A entrevista com a atleta, demonstra que as mulheres participaram ativamente de diferentes modalidades e competições, construindo trajetórias que ultrapassaram o espaço escolar e alcançaram seleções, Jogos Abertos e clubes. Sua experiência também mostra que a participação feminina não ocorreu de maneira totalmente espontânea ou livre de obstáculos, demonstra comentários preconceituosos, preferência institucional pelo masculino, dificuldades financeiras e limitações no apoio público.

A entrevista com o jornalista, por sua vez, contribui para compreender como esses acontecimentos foram percebidos e registrados a partir da perspectiva da imprensa. Sua memória confirma a importância dos Jogos Estudantis da Primavera e reconhece a presença e o desenvolvimento do esporte feminino.

Ao cruzar essas duas entrevistas é possível perceber que a história do esporte feminino não pode ser construída somente a partir dos registros públicos ou da imprensa. É necessário também recuperar as experiências das próprias mulheres que participaram dessas práticas. Nesse sentido, a pesquisa evidencia que a

memória esportiva feminina não esteve ausente, mas muitas vezes permaneceu fragmentada, em segundo plano ou registrada a partir de perspectivas que não correspondem integralmente à experiência das próprias atletas.

A recuperação dessas memórias contribui, portanto, para ampliar a história do esporte regional e para compreender a Educação Física escolar não apenas como espaço de prática corporal, mas também como um campo no qual se constroem identidades, relações de gênero, pertencimentos e possibilidades de transformação social.

A articulação entre memória vivida e memória pública reforça, por fim, a importância da História Oral para a compreensão de experiências femininas no esporte. Ouvir permite ampliar as possibilidades de interpretação histórica e ainda, compreender que a própria memória é atravessada por disputas sobre aquilo que será lembrado, registrado e valorizado. No caso desta pesquisa, recuperar a trajetória das atletas significa contribuir para que a participação feminina no esporte escolar de Ponta Grossa seja reconhecida como parte da história esportiva e educacional do município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou, por meio da História Oral, como as memórias de uma ex-atleta escolar e de um jornalista podem contribuir para compreender o esporte e a participação feminina em Ponta Grossa (PR) entre as décadas de 1970 e 1980. A triangulação entre memória vivida e memória pública mostrou que as duas narrativas concordam ao reconhecer a importância dos Jogos para a mobilização da cidade e para a formação dos jovens, mas discordam quanto ao lugar das mulheres: o jornalista as associa sobretudo ao ambiente social dos jogos, enquanto a atleta as reconstrói como protagonistas de treinos, competições e disputas por espaço.

Os relatos indicam que a participação feminina não ocorreu sem obstáculos: comentários preconceituosos, preferência institucional pelas equipes masculinas, divisão de meninos e meninas nas aulas e a falta de apoio público e financeiro. A escola apareceu de forma ambígua, ora reproduzindo essas divisões, ora abrindo possibilidades por meio de professores que incentivavam as alunas. A imprensa registrava resultados e imagens das atletas, mas nem sempre as experiências de preconceito e desigualdade, o que sustenta a categoria de memória esportiva

feminina invisibilizada, entendida como diferença de espaço e de reconhecimento , e não com a ausência de cobertura.

O que foi encontrado vai ao encontro da BNCC que estabelece, entre as competências específicas de Educação Física, a compreensão da origem da cultura corporal de movimento e de seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual (competência 1); a identificação das formas de produção dos preconceitos, a compreensão de seus efeitos e o combate a posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes (competência 5); e o reconhecimento do acesso às práticas corporais como direito do cidadão (competência 9)

Conhecer como as desigualdades de gênero se produziram no esporte escolar da cidade pode apoiar o futuro professor a reconhecê-las nas quadras atuais e a intervir pedagogicamente.

O estudo tem limites: baseia-se em dois colaboradores, em memórias construídas no presente e em registros de jornal, parte deles do acervo pessoal da entrevistada. Além disso, a atleta e o jornalista ocupam lugares distintos que moldam aquilo que lembram e a maneira como narram.

A atleta, com sua história reconhecida pelo seio familiar do pesquisador, dessa forma tem uma fala mais íntima e sentimental. O jornalista, por sua vez, também tem uma relação antiga com a pesquisadora, pois fez parte da vida profissional de seus pais e isso o leva ao lugar de ensinamento, exemplo e respeito. Nesse contexto, não se pode generalizar ao esporte escolar do município nem à experiência das mulheres em geral. Estudos futuros podem ampliar o número de colaboradores e o conjunto de registros incluindo outros periódicos e documentos escolares.

**REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015. 176 p. (Coleção Educação & Saúde, v. 11).

BIAGINI, Gabriel Albach; GUIMARÃES, Cláudio Jorge; CARMO, Gonçalo Cassins Moreira Do; ZAREMBA, Carlos Mauricio . JOGOS ESTUDANTIS DA PRIMAVERA EM PONTA GROSSA - PR: História, memória, esportes e sociedade - resultado do período 2024 - 2025. CONEX - Eaex, 2025. Disponível em: https://siseve.apps.uepg.br/storage/23CONEX/154_Gabriel_Albach_Biagini-175727718890062.pdf. Acesso em: 15 out. 2026.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos**.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.** Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 14 out. 2026.

BRASIL. Decreto nº 69.450, de 1º de novembro de 1971. **Regulamenta dispositivos da legislação educacional referentes à Educação Física e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm. Acesso em: 14 out. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

COELHO, Nivalda Pereira; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **Memórias de uma vida dedicada ao estudo das mulheres no esporte:** entrevista com Silvana Vilodre Goellner. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, p. 53-67, nov. 2021.

DUARTE, Lucimara Pereira. **Relações de gênero no esporte escolar:** o caso dos Jogos Estudantis Municipais de Ponta Grossa/PR (1985–2019). 2024. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, 2024. Disponível em: https://tede.unicentro.br/jspui/handle/jspui/2417. Acesso em: 14 out. 2026.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil:** entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, nov. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice. **Garimpando memórias:**

esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

Jogos da Primavera – UEPG. Disponível em: <https://www2.uepg.br/jogosdaprimavera/>. Acesso em: 15 out.. 2026.

PEREIRA, Marcela Caroline. **A construção de um habitus de luta no futebol de mulheres: estudo de caso de uma equipe situada no estado do Paraná. 2022.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas ) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022. Disponível em: http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3688. Acesso em: 14 out. 2026.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984):** história e historiografia. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 51-75, 2002. DOI: https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100004

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REI, Bruno Duarte; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. **Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1964-1985):** balanço histórico e novas perspectivas. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 23, n. 3, 2012. DOI: https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.15221.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **Da proibição do futebol de mulheres:** a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). Revista Tempo, v. 29, n. 2, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/TEM-1980542X2023v290212

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCOTT, Joan W. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Departamento de Educação Física. Histórico. Ponta Grossa: UEPG, [s. d.]. Disponível em: https://www2.uepg.br/dedufis/historico/. Acesso em: 15 out. 2026.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## APÊNDICE

### Quadro 1 – Fontes documentais jornalísticas utilizadas na análise

| Nº | Fonte | Edição | Conteúdo | Uso na análise |
|---|---|---|---|---|
| 1 | Diário dos Campos, maio de 1984. Acervo pessoal da entrevistada. | II OLIJUP (1975) | Equipe feminina de handebol do Grupo Escolar Senador Correia (Figura 01). | A OLIJUP como porta de entrada da entrevistada no esporte escolar. |
| 2 | Diário dos Campos, Ponta Grossa, 19 set. 1981. Acervo: Museu dos Campos Gerais. | XXVI JEPs (1981) | “JEPs: participação de 50 instituições”: reunião da coordenação e necessidade de alojamentos extras para receber as equipes (Figura 02). | Dimensão do evento e uso das escolas como alojamento, em convergência com as falas da entrevistada e do jornalista. |
| 3 | Diário dos Campos, Ponta Grossa, 19 maio 1984. Acervo pessoal da entrevistada. | Seleção feminina de Ponta Grossa (1984) | Foto da atleta Márcia Stinski e matéria sobre a capacidade técnica das jogadoras da cidade (Figura 03). | Diferença entre ser publicada e ser reconhecida; memória esportiva feminina invisibilizada. |
| 4 | Diário dos Campos, Ponta Grossa, 1984 | Esporte feminino (1984) | “Sueli Martins e Márcia brilham no Pinheiros”: atletas da cidade titulares do Esporte Clube Pinheiros, campeão paranaense de futebol feminino; risco de perdê-las para clubes da capital. | Visibilidade das atletas na imprensa local e valorização das atletas pelo cronista do jornal. |

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Nota: JEPs = Jogos Estudantis da Primavera; OLIJUP = Olimpíada Infanto Juvenil Pontagrossense.

**Roteiro de Entrevista com o Jornalista**

**Início da Carreira e Cenário Jornalístico**

- Onde e como começou sua jornada de carreira?
- Como era o ambiente quando você começou?
- Quais eram os principais veículos de comunicação (jornais, rádios, TVs) na cidade naquela época?
- Como efra a relação entre os veículos de comunicação?
- Quando sua paixão pelo esporte se encontrou com a radiodifusão?
- Qual foi a primeira matéria esportiva que você cobriu? Qual a sensação?

**Cobertura Esportiva e Esporte Escolar**

- Como era a cobertura esportiva em Ponta Grossa naquela época?
- Quais esportes recebiam mais destaque na mídia?
- O esporte escolar tinha espaço nas mídias da época? Qual era esse espaço?
- Você se lembra de algum evento esportivo escolar marcante na cidade? Qual a atmosfera desses jogos?
- Qual a importância desses eventos para a comunidade e os jovens atletas?
- Como era seu dia a dia cobrindo esses eventos? Você ia aos jogos, conversava com atletas e professores?
- Havia dificuldades em conseguir informações ou acesso?
- Como você descreveria a linguagem dos jornais para falar de esporte?
- Havia jargões específicos? Tudo era transmitido?

**Esporte Feminino: Visibilidade e Representação**

- Como o esporte feminino era visto e tratado pela imprensa e sociedade em Ponta Grossa entre 1970 e 2000?
- A cobertura do esporte feminino era diferente da masculina? Em que aspectos (espaço, tom)?
- Você se lembra de alguma história de atleta feminina que te marcou? Qual?
- Quais dificuldades as atletas enfrentavam que você percebia ou que elas contavam?
- Qual conquista do esporte feminino você sentiu orgulho de noticiar?

- Você entrevistava atletas mulheres? Como eram essas conversas?
- Elas expressavam frustrações ou desejos sobre sua participação no esporte?

**Cidade, Esporte e Transformações**

- Você também praticava esportes?
- Se sim quais modalidades e em que períodos?
- Participou de eventos como os Jogos Estudantis da primavera?
- Qual seu olhar sobre os Jogos Estudantis da Primavera?
- Nesse evento o que significava a denominada Taça Amélia?
- Chegou a narrar os Jogos Estudantis da Primavera no Ginásio Borell du Vernay?
- Se sim, como era o público nesse espaço?
- Como você viu Ponta Grossa se transformar ao longo dos anos e como isso impactou o cenário esportivo?
- Houve novos clubes, modalidades, mais ou menos incentivo?
- O que significou para a cidade de Ponta Grossa o denominado clássico Ope-Guá no futebol?
- Como entender as mensagens pejorativas de “graxeiros” e “pó de arroz” nesse clássico?
- E a simbologia “fantasma” para o Operário e “Bugre” para o Guarani?
- O último clássico foi em 1969 em que o Guarani perdeu após a batida de um pênalti pelo jogador Lara, o que se pode comentar sobre esse lance e a sua relação com o Tema de Lara?
- Como podemos entender o que é um clássico no futebol?
- Em que medida esse clássico faz falta no campo esportivo da cidade?
- Você se lembra de algum local em Ponta Grossa que era um marco para o esporte? Qual a história desse lugar?
- Qual foi o papel da imprensa de Ponta Grossa na construção da memória esportiva da cidade, especialmente no esporte feminino?
- Vocês sentiam que tinham poder de influenciar ou registrar a história?
- Você conheceu o evento OLIJUP organizado pelo Colégio Senador Correia nos anos de 1973 até 1976?

- Se sim, como viu esse evento?

**Reflexões e Legado**

- Qual sua principal reflexão sobre sua trajetória como jornalista esportivo em Ponta Grossa?
- Qual você acredita que foi sua maior contribuição para a memória esportiva da cidade?
- Como vê a memória esportiva da cidade atualmente?
- Que sugestões pode dar para ampliar-se a memória esportiva da cidade?
- Sabe se existem gravações de narrações esportivas de jogos da cidade destes eventos escolares como os Jogos Estudantis da Primavera ou do clássico Ope-Guá que deveriam ser preservados?
- O que você percebe de diferente na cobertura do esporte feminino hoje em relação à sua época?
- O que avançou e o que ainda precisa melhorar no esporte feminino?
- Que conselho você daria a um jovem jornalista que cobre esporte em Ponta Grossa hoje, sobre dar voz a todas as histórias?

**Roteiro de Entrevista com a Ex-Atleta**

**Infância e Primeiras Memórias**

- Qual a primeira imagem, cheiro ou som de Ponta Grossa da sua infância que vem à sua mente?
- Como era ser criança em Ponta Grossa no período.....?
- Do que vocês brincavam na rua?
- Tinha alguma brincadeira que você era imbatível?
- Qual era a sensação de correr descalça na grama ou no asfalto quente?
- Como você se descreveria quando criança? Era mais quieta ou agitada?
- O que você mais gostava de fazer com seu corpo (subir em árvores, correr, dançar)?

**Escola e o Contato com o Esporte**

- Qual a lembrança mais viva que você tem do seu primeiro dia de aula ou dos seus primeiros anos na escola?
- Como eram as aulas de Educação Física?
- Era um momento esperado ou temido?
- Lembra de quem foram seus professores de Educação Física?
- Eles eram atletas, ex atletas?
- Qual era o cheiro do ginásio da sua escola? O barulho da bola? O grito da torcida?
- Havia separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física? Como era essa dinâmica?
- Você se lembra da primeira vez que se sentiu 'boa' em um esporte? Qual foi a sensação?
- Alguém te incentivou a praticar esporte? Quem?
- Como era a participação de familiares na trajetória esportiva?
- Teve algum professor ou professora de Educação Física que marcou essa fase?
- Como era o uniforme de Educação Física? Você gostava de usá-lo? Ele te fazia sentir parte de algo?

**A Vida de Atleta Escolar**

- Como era sua rotina de treinos e competições?
- Onde eram os treinos?
- Como você conciliava os treinos com os estudos e as amizades?
- Quais foram as primeiras competições que participou em Jogos Escolares?
- Participou dos jogos da OLIJUP no Senador Correia?
- Em que modalidades participou?
- Participou dos Jogos Estudantis da Primavera?
- Em que períodos? Se recorda?
- Quais modalidades jogou?
- Como era o ambiente esportivo nos Jogos da Primavera?
- Participou dos Jogos Universitários? Em que período?
- Como foi essa participação?
- Jogou pela seleção da cidade de Ponta Grossa? Em que período?
- Como foi essa participação?
- Qual foi a viagem mais marcante que você fez para competir?
- Os pais liberavam com tranquilidade?
- Como era o clima no ônibus com a equipe?
- Qual era a sensação de entrar em quadra para representar sua escola/cidade? O que passava pela sua cabeça?
- Quais as emoções de ser aplaudida ou vaida em quadra pelas torcidas?
- Como era a relação com as outras meninas da equipe?
- E com os meninos? Vocês sentiam que tinham o mesmo apoio?
- Havia alguma rivalidade ou preconceito por serem meninas atletas?
- Você se lembra de alguma vitória inesquecível? Conte os detalhes.
- E uma derrota doída? O que você aprendeu com ela?
- Como era lidar com lesões e a vontade de continuar jogando?
- Fez amizades com jogadoras de outras equipes?
- Essas amizades perduraram?

**Mídia e Percepção Pública**

- Naquela época, vocês se sentiam famosas na cidade? As pessoas reconheciam vocês?

- Os jornais e a rádio falavam sobre os jogos de vocês?
- Você se lembra de ter visto seu nome ou sua foto em algum jornal? Qual foi a sensação?
- Como as torcidas se comportavam nos jogos femininos?
- Quando os jornais falavam dos times masculinos, você sentia que a cobertura era diferente?
- Se um jornalista fosse descrever você como atleta naquela época, o que você acha que ele diria?
- E o que ele talvez não conseguisse enxergar?
- Como vê a imprensa nos esportes femininos hoje em relação ao período em que jogou?

**Legado e Reflexão Atual**

- Olhando para trás, de que forma ser uma atleta na juventude moldou a mulher que você é hoje?
- O que você levou do esporte para a sua vida adulta?
- Quando você vê as meninas praticando esporte hoje, o que você pensa? O que mudou?
- O que ainda precisa mudar no esporte feminino?
- Se você pudesse dar um conselho para aquela menina atleta de Ponta Grossa, o que você diria a ela hoje?